

Panel 1: Gender and Genre

1. Charles Reeve, OCAD University [creeve@ocadu.ca]

Judy Chicago, the 1960s, and the Metaphor of Sex



“Do women have to be naked to get into the Met. Museum?” the feminist collective Guerrilla Girls once asked, underscoring visual art’s view of women as objects. Unsurprisingly, this masculinism underpins much life writing by visual artists—from Benvenuto Cellini in the Renaissance to Larry Rivers in the late 20th century. However, as feminism infiltrated visual art, women’s voices began to be heard, particularly when, from the early 1970s to the early 1980s, women artists recalled the 1960s: Kate Millett (*Flying* [1974]; *Sita* [1977]), Judy Chicago (*Through the Flower* [1975]) and Anne Truitt (*Daybook* [1984]). Moreover, these women all would produce further reminiscences and their books would be joined by later reflections on the 1960s like Faith Ringgold’s *We Flew Over the Bridge* (1995), Yayoi Kusama’s *Infinity Net* (2011) and Eva Hesse’s dairies (2016).

Reading their books against the cultural and politic tendencies of the 1960s, we see these artists adopting various positions relative to the 1960s’ visual idioms: feminism destroyed Chicago’s engagement with minimalism while tempering Truitt’s engagement with minimalism little if at all, and Ringgold’s intersection of feminism and black activism precluded engaging with that moment’s formalist avant-garde at all. Furthermore, this range of engagements with the artistic avant-garde mirrors a range of engagements with what we might call the sexual avant-garde. Truitt (and, later, Ringold and Hesse) discussed her sexuality modestly. By contrast, Chicago and Millett (and, later, Kusama) foreground sexuality and sexual activity, modeling a sexual agency that opposed the objectifying masculinity dismantled by Millett in *Sexual Politics* (1970). But at a time when sexual liberation was widely celebrated while almost always turning out to mean male sexual liberation, this emphatic female sexual agency seems like a metonym for female agency in general, its urgency facilitated by the art world’s perennially Romantic injunction to be oneself.

Judy Chicago, os anos 1960 e a metáfora do sexo

“As mulheres precisam estar nuas para entrar no Metropolitan Museum?” perguntou certa vez o coletivo feminista Guerrilla Girls, destacando a visão da arte das mulheres como objetos. Como já esperado, este masculinismo sustenta muitas escritas da vida por artistas visuais — de Benvenuto Cellini, na Renascença, a Larry Rivers, no final do século XX. Contudo, enquanto o

feminismo se infiltrava na arte visual, vozes femininas começaram a ser ouvidas, especialmente quando, do início dos anos 1970 ao início dos anos 1980, as artistas evocaram os anos 1960: Kate Millett ('Flying' [1974]; 'Sita' [1977]), Judy Chicago ('Through the Flower' [1975]) e Anne Truitt ('Daybook' [1984]). Além disso, essas mulheres todas produziram reminiscências posteriores e seus livros seriam acompanhados por reflexões posteriores sobre os anos 1960 como 'We Flew Over the Bridge' (1995), de Faith Ringgold, 'Infinity Net' (2011), de Yayoi Kusama, e os diários de Eva Hesse (2016).

Lendo seus livros contra as tendências culturais e políticas dos anos 1960, vemos essas artistas adotando diversas posições em relação às expressões visuais da década de 1960: o feminismo destruiu o envolvimento de Chicago com o minimalismo, enquanto fortaleciam pouco, quase nada, o envolvimento de Truitt com o minimalismo, e a interseção de Ringgold de feminismo e ativismo negro impossibilitou completamente o envolvimento com a vanguarda formalista daquele momento. Ademais, este conjunto de envolvimento com as vanguardas artísticas espelha um conjunto de envolvimento com o que podemos chamar de vanguarda sexual. Truitt (e, mais tarde, Ringgold e Hesse) discutiram sua sexualidade moderadamente. Em contrapartida, Chicago e Millett (e, mais tarde, Kusama) focaram na sexualidade e atividade sexual, modelando uma atitude sexual que se opunha à masculinidade objetificante desmantelada por Millett em 'Sexual Politics' (1970). Contudo, num tempo em que libertação sexual era largamente celebrada quando, quase sempre, acabava por significar liberação sexual masculina, esta empática atitude sexual feminina parece uma metonímia para atitude feminina em geral, sua urgência facilitada pela injunção perenemente romântica do mundo da arte de ser a si mesmo.

[Traduzido por Lucas Victor de Oliveira - oliveiralucasvictor@gmail.com]

Charles Reeve has published widely in the fields of modern and contemporary art, with a special emphasis on artists' autobiographies. With Rachel Epp Buller, he is co-editor of *Inappropriate Bodies: art, design, and maternity*, due out from Demeter Press in 2017. He is Associate Professor in the faculties of Liberal Arts and Sciences and Art at OCAD University, where he also is president of the Faculty Association, and is president of the Universities Art Association of Canada.

2. Jennifer Sarah Cooper, U Federal do Rio Grande do Norte [jennifersarahj@gmail.com]

Literary Translation as Activism

The aim of this essay is to reflect on the practice of literary translation with regard to gender positioning in life writing texts that rely on code mixing and switching between English and Spanish or Portuguese and English. In this paper, I examine translation practices that can approach the translation of literary texts in which code mixing and switching necessarily give voice to gender and cultural identities outside of normative binaries, performing a type of linguistic activism, and solutions to preserving these in translation using as an example translations of excerpt of *Borderlands/La Frontera* by Gloria Anzaldúa (2007) and other Chicana or Brazuca writers.

O objetivo deste ensaio é refletir na prática de tradução literária a respeito de gênero identitário no posicionamento de escrita biográfica que emprega code mixing e code switching entre inglês e espanhol ou português e inglês. Neste trabalho, examino práticas tradutórias que podem abordar a tradução de textos literários nos quais code mixing e switching necessariamente dar voz ao gênero identitário ou cultural fora das binárias normativas, atuando como uma espécie de ativismo linguístico. Trata-se das estratégias para preservar estes momento de ativismo na tradução. Para exemplificar apresento traduções de trechos de *Borderlands/La Frontera* por Gloria Anzaldúa (2007) e outras escritoras Chicana ou Brazuca.

Jennifer Sarah Cooper is a literary and technical translator, poet, and professor of English and applied linguistics at the Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Many of her literary translations have been published under the name Jennifer Sarah Frota, including two anthologies of contemporary Brazilian poetry, *Nothing the Sun Could Not Explain* (1997) and *Lies about the Truth in New American Writing* (2000). She has translated and revised thousands of academic articles.

3. Maria da Conceição Passeggi, U Federal do Rio Grande do Norte [mariapasseggi@gmail.com]

Autobiographical Writing of Women Professors: Between the Public and the Private, Reason and Emotion

In Brazil, The Memorial is written for hiring at the university or promotions within the career, even to receive an undergraduate degree. I present a historical overview of this academic genre, within a universe primarily scientific and male, which has been prone to periods of restrictions and expansions, depending on the political and educational conjunctures of the country. I discuss questions of gender from a dual perspective: in the first, as an autobiographical academic, hybrid, genre, which is characterized by its position between the public and the private, interlacing institutional injunction (evaluation), with autobiographical seduction (self-awareness); the second perspective examines the transformation of this genre through female/feminist writing and empowerment as an historical apex, due to the increase in the number of women in higher education and the use of these writings in pedagogical practices of teacher training. My observations are anchored in research that has been conducted since 2000.

No Brazil, o gênero discursivo, memorial, é usado para a seleção de professores nas universidades ou promoções durante a carreira e, até como um requisito de receber o diploma de graduação. Neste trabalho, apresento um panorama histórico deste gênero acadêmico, dentro de um universo que é primordialmente científico e masculino, que tende-se a passar por períodos de restrições e expansões, dependendo das conjunturas políticas e educacionais do país. Discuto questões de gênero identitário de uma perspectiva dupla: no primeiro como um gênero autobiográfico, acadêmico, híbrido, que se caracteriza por uma posição entre um espaço público e privado, intercalando injunção (avaliação) institucional com sedução autobiográfico (auto-conhecimento). A segunda perspectiva examina a transformação deste gênero discursivo pela escrita feminina/feminista e o empoderamento como um ápice histórico, devido ao aumento do número de mulheres no ensino superior e o uso dessa forma de escrita nas práticas pedagógicas na licenciatura. Minhas observações se ancoram na pesquisa que tem sido conduzida desde 2000.

Maria da Conceição Passeggi is a professor in the Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação of the Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. She works on educational psychology and directs the graduate program in history in education. Since 1999, she has been the leader of the interdisciplinary research group, “Training, (Auto)Biography and Representations.” She was a visiting professor at the Université de Paris 13 at the invitation of the EXPERICE Laboratory (Paris 13, Paris 8); a research associate at the Université des Antilles et de la Guyane, under a grant from Ministère des Sciences et Technologie of France; and since 2009 she has been a research associate at the Centre de Recherche en Education de Nantes (CREN-Université de Nantes). She is a member of the Board of Directors of the Asociación Internacional de Historias de Vida en Formación (ASIHIVIF) and is a leader in the Brazilian Association for (Auto)Biographical Research (BIOgraph). She created the Associação Norte-Nordeste de Histórias de Vida e Formação (ANNHIVIF) in 2007. With Elizeu Clementino de Souza and Christine Delory-Momberger, she is coeditor of the book series, “Narrativas, Autobiografias y Educación.” The author of numerous books and essays, her most recent publication is the coedited collection, *Pesquisa (Auto)Biográfica: Conhecimentos, Experiências e Sentidos* (2016).